

### CONSUMO DE ULTRAPROCESSADOS ENTRE POVOS TRADICIONAIS DO NORDESTE BRASILEIRO

**Antonio Valdeir Lopes da Silva<sup>1</sup>;**

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Picos, Piauí.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5674683472242129>

**Filipe Lacerda Leopoldino<sup>2</sup>;**

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Picos, Piauí.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4596621074502605>

**Anna Alice Rocha Vieira de Couto<sup>3</sup>;**

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Picos, Piauí.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3365694445361755>

**Francisca Raila Alves Roque<sup>4</sup>;**

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Picos, Piauí.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1053988052368561>

**Amanda Maria de Moura Gomes<sup>5</sup>;**

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Picos, Piauí.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7047578639617482>

**Kamila Pereira Bezerra<sup>6</sup>;**

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Picos, Piauí.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8538170746047400>

**Maria Cecília Ferreira dos Santos de Santana<sup>7</sup>;**

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Picos, Piauí.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3243343622728506>

**Artemizia Francisca de Sousa<sup>8</sup>.**

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Picos, Piauí.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8697418812500261>

**RESUMO:** O consumo de alimentos ultraprocessados tem se intensificado entre os povos tradicionais do Nordeste brasileiro, especialmente durante a pandemia de COVID-19. Este estudo transversal descritivo, baseado em dados do Sisvan-Web de 2019 a 2023, analisa a prevalência e os impactos desse consumo em comunidades como quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, caatingueiros, pescadores artesanais, ciganos, comunidades de fundo e fecho de pasto, e povos de terreiros. Os resultados mostram uma tendência alarmante de aumento do consumo desses alimentos, resultando em desequilíbrios nutricionais e maior incidência de doenças crônicas. Fatores socioeconômicos e culturais impulsionam essa mudança alimentar, com destaque para a pandemia, que exacerbou a vulnerabilidade das populações menos escolarizadas e com menor acesso a recursos. Além disso, a análise revelou uma crescente substituição dos alimentos tradicionais por ultraprocessados, agravando os riscos à saúde. A baixa cobertura do Sisvan, especialmente em áreas rurais e remotas, devido a deficiências na infraestrutura e capacitação, limita a eficácia das políticas públicas de saúde nutricional. Portanto, é imperativo melhorar a infraestrutura tecnológica, oferecer treinamentos contínuos, simplificar processos e promover ações educativas que sensibilizem a população sobre a importância de uma alimentação saudável. Somente através de um esforço conjunto e coordenado será possível reverter os impactos negativos do consumo de ultraprocessados e promover a saúde nutricional das comunidades tradicionais do Nordeste brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alimentos ultraprocessados. Povos tradicionais. Nordeste brasileiro. Sisvan-Web.

## **CONSUMPTION OF ULTRA-PROCESSED FOODS BETWEEN TRADITIONAL PEOPLES OF NORTHEASTERN BRAZIL**

**ABSTRACT:** The consumption of ultra-processed foods has intensified among traditional peoples in the Brazilian Northeast, especially during the COVID-19 pandemic. This descriptive cross-sectional study, based on data from Sisvan-Web from 2019 to 2023, analyzes the prevalence and impacts of this consumption in communities such as quilombolas, riverside dwellers, extractivists, caatingueiros, artisanal fishermen, gypsies, fundo and fecho de pasto communities, and terreiro peoples. The results show an alarming trend of increased consumption of these foods, resulting in nutritional imbalances and higher incidence of chronic diseases. Socioeconomic and cultural factors drive this dietary change, particularly during the pandemic, which has exacerbated the vulnerability of less educated populations with limited access to resources. Additionally, the analysis revealed a growing substitution of traditional foods by ultra-processed ones, worsening health risks. The low coverage of Sisvan, especially in rural and remote areas due to infrastructure and training deficiencies, limits the effectiveness of public nutritional health policies. Therefore, it is imperative to improve technological infrastructure, offer continuous training, simplify processes, and

promote educational actions that raise awareness about the importance of healthy eating. Only through a coordinated and collective effort will it be possible to reverse the negative impacts of ultra-processed food consumption and promote the nutritional health of traditional communities in the Brazilian Northeast.

**KEY-WORDS:** Ultra-processed foods. Traditional peoples. Brazilian Northeast. Sisvan-Web.

## INTRODUÇÃO

O avanço da Idade contemporânea provocou o surgimento de novos ideais e assim, desde o século passado o homem busca acelerar, por meio de máquinas, processos que antes levavam semanas e até meses para serem concluídos manualmente, no mesmo período, as mulheres conseguiram alcançar seus direitos de votar e ao trabalho digno, resultando em uma divisão parcial dos trabalhos domésticos, sendo principalmente o preparo das refeições. A partir disso, houve a necessidade de aumentar a produção alimentícia, bem como tornar os alimentos mais práticos de serem consumidos e com uma maior vida de prateleira, desenvolvendo assim, os alimentos ultraprocesados (Nilson *et al.*, 2022).

De acordo com classificação NOVA, os alimentos ultraprocesados são formulações industriais que podem ser produzidas completamente ou predominantemente de substâncias retiradas dos alimentos, como gordura, açúcar e substâncias que derivam de algum componente alimentar, como o amido modificado, ou de substâncias criadas em laboratórios, como os aromatizantes, emulsificantes e corantes que imitam o alimento *in natura* (Menegassi *et al.*, 2020). Esses alimentos são considerados nutricionalmente desbalanceados, uma vez que são produzidos apenas por motivos de praticidade e atratividade, no entanto, o consumo exacerbado desses alimentos traz inúmeros prejuízos à saúde (Louzada *et al.*, 2022).

É fundamental ressaltar que o consumo de alimentos ultraprocesados constitui uma preocupação significativa no âmbito da saúde pública. Observa-se que esses alimentos apresentam uma maior densidade energética em comparação aos alimentos não processados, fornecendo uma quantidade calórica mais elevada por porção. Além disso, estão associados a um consumo aumentado de açúcar, sal e gordura saturada, ao mesmo tempo em que contribuem para uma menor ingestão de fibras (IBGE, 2020).

Nos últimos dez anos, o consumo de alimentos ultraprocesados pelos brasileiros aumentou, em média, 5,5%. Essa é a conclusão de um estudo sobre o perfil dos consumidores, publicado pela Revista de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) e conduzido pelo Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens/USP). No entanto, nesse período, os maiores aumentos no consumo foram observados precisamente entre os grupos que tradicionalmente consumiam menos: pessoas negras e indígenas, residentes em áreas rurais e nas regiões Norte e Nordeste, além de populações com menores níveis de escolaridade e renda (Souza, 2023).

Observou-se um aumento no consumo de alimentos ultraprocessados nas regiões Norte e Nordeste durante a pandemia do novo coronavírus. De acordo com a literatura, esses alimentos são predominantemente consumidos por indivíduos com menores níveis de escolaridade. O aumento no consumo no Nordeste se deve, em grande parte, ao fato de que a população não tinha o hábito de consumir esses alimentos, diferentemente das regiões Sul e Sudeste. No Sul e Sudeste, as pessoas já consomem alimentos ultraprocessados devido à correria do dia a dia, o que contribui para os altos índices de obesidade e doenças crônicas nessas regiões. No entanto, no Nordeste, essa prática não era comum, e com a pandemia, a população se viu obrigada a optar por alimentos mais baratos (Amaral, 2020).

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é investigar o impacto do consumo de alimentos ultraprocessados entre os povos tradicionais do Nordeste brasileiro, através de análise dos dados coletados na plataforma Sisvan-Web referentes ao período de 2019 a 2023, que inclui informações demográficas de cada grupo populacional tradicional, assistido pela Atenção Primária à Saúde (APS) por meio do sistema Sisvan. Além disso, busca-se identificar as particularidades culturais e socioeconômicas que influenciam esse fenômeno e propor estratégias para mitigar os malefícios do consumo de ultraprocessados.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo transversal descritivo, utilizando dados secundários oriundos dos relatórios disponibilizados pelo SISVAN-Web. Os dados foram retirados dos relatórios públicos referentes aos anos de 2019 a 2023 disponibilizados na plataforma online.

Para obter os dados referentes ao consumo de ultraprocessados, selecionaram-se os seguintes filtros no módulo gerador de relatórios: tipo de relatório - consumo alimentar dos indivíduos acompanhados; ano de referência - 2019; mês de referência - todos; agrupado por - região; região de cobertura - Nordeste; fase da vida - adultos; tipo de relatório - consumo de alimentos ultraprocessados; sexo - todos; raça/cor - todas; acompanhamentos registrados no Sisvan - todos; povos e comunidades - povos quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, catingueiros, pescadores artesanais, povos ciganos, comunidades de fundo e fecho de pasto, povos de terreiros; escolaridade - todos.

Após selecionar todos os filtros mencionados, clicou-se no botão “visualizar”. Posteriormente, a busca foi repetida utilizando os mesmos critérios para os anos de 2019 a 2023. Em seguida, o relatório dos dados agregados acerca do consumo alimentar de adultos originários de povos tradicionais foi apresentado em formato de tabela.

Para uma melhor interpretação dos dados obtidos, utilizou-se o software *Microsoft Excel* para organização dos dados em tabelas descritivas de frequência. Essa etapa envolveu a criação de tabelas que facilitam a visualização e análise do padrão de consumo alimentar. O uso do Excel permitiu a categorização dos dados, cálculos de frequências absolutas e relativas, além da geração de gráficos que auxiliaram na identificação de tendências e

comparações entre os anos de cobertura do consumo de alimentos ultraprocessados por adultos de povos e comunidades tradicionais do nordeste disponíveis no Sisvan-web.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma melhor compreensão dos dados coletados na plataforma Sisvan-Web sobre o relatório anual do consumo de ultraprocessados entre os anos de 2019 e 2023, o estudo apresenta os dados populacionais de cada povo tradicional investigado, assistido pela Atenção Primária à Saúde (APS) através do Sisvan. Esses dados são necessários para subsidiar a possibilidade de fazer uma associação descritiva dos dados de consumo de ultraprocessados propriamente ditos, além de verificar a precisão destes. Em alguns povos, verifica-se que a população assistida, em boa parte dos anos de cobertura, é quase inexistente, especialmente entre a população de ciganos. Os dados podem ser observados na Tabela 1.

**Tabela 1** – Consumo de alimentos ultraprocessados por indivíduos pertencentes a comunidades tradicionais cadastrados no SISVAN de 2019 a 2023.

Povos tradicionais cadastrados no Sisvan	Ano de cobertura				
	2019	2020	2021	2022	2023
<b>Comunidades tradicionais</b>					
Quilombolas	15	4	3	6	15
Ribeirinhas	1	1	0	0	3
Extrativistas	2	2	2	0	11
Caatingueiros	55	8	3	85	102
Pescadores artesanais	1	1	3	4	1
Ciganos	1	0	0	0	0
Comunidade de fundo de pasto	10	0	1	1	3
Povos de terreiros	1	2	1	1	1

Fonte: SISVAN-Web, 2024.

Na população de caatingueiros, onde se há a maioria dos povos investigados, o consumo de ultraprocessados mostrou-se  $\geq 67\%$  em todos os anos. Nos povos Ribeirinhos, Extrativistas, Ciganos e pertencentes à Comunidade de Fundo de Pasto, há períodos onde a população assistida é = 0, o que impossibilita a obtenção do consumo de ultraprocessados nestes casos. Observa-se também que em 82,5% dos relatórios investigados, a população era inferior a 10 pessoas. A Tabela 2 estabelece, em valores percentuais, populações assistidas pela APS sob cobertura do Sisvan que responderam “sim” no inquérito sobre o consumo de ultraprocessados.

**Tabela 2** – Percentual do consumo de ultraprocessados em povos tradicionais do Nordeste de 2019 a 2023.

Consumo de ultraprocessados em povos tradicionais do Nordeste (%)	Ano de cobertura				
	2019	2020	2021	2022	2023
<b>Comunidades tradicionais</b>					
Quilombolas	80	25	67	67	53
Ribeirinhas	100	0	0	0	0
Extrativistas	100	100	100	0	73
Caatingueiros	84	75	67	87	88
Pescadores artesanais	100	100	100	100	0
Ciganos	100	0	0	0	0
Comunidade de fundo de pasto	60	0	100	0	100
Povos de terreiros	0	100	100	100	100

Fonte: SISVAN-Web, 2024.

Para entender o perfil de consumo alimentar de comunidades tradicionais é necessário compreender diversas questões sociais, culturais e religiosas que englobam todo o contexto que envolve determinado povo. Para diversas comunidades, seus hábitos e costumes estão intrinsecamente ligados à ideia de pertencimento. Essa identidade singular, que emerge de valores e costumes próprios, se estabelece como identidade coletiva de cada comunidade, refletindo-se diretamente em sua relação com o alimento e nas práticas alimentares (Corrêa; Silva, 2021).

Em uma pesquisa realizada por Souza e Villar (2018), na escola de São Paulo, sobre a alimentação das crianças, foi relatado que apesar de respeitarem os hábitos alimentares dos povos indígenas, ainda eram ofertados para esses alunos alimentos ultraprocessados, na qual, os mesmos consumiam durante o desjejum e o almoço. É sabido que, esses povos tradicionais, tendem a optar por alimentos *in natura*, porém, por viverem em sociedade com outras culturas, acabam expostos a novos alimentos, aumentando com isso, o seu consumo. Além disso, a desvalorização da cultura e a falta de inclusão alimentar, acabam sendo motivos para diminuir a frequência dos seus hábitos, fazendo com que os indígenas, passem a consumir mais alimentos dessa natureza (Corrêa; Silva, 2021).

Em um estudo realizado na Tekoa Pyau, localizada no Pico do Jaraguá, relatou-se que os indígenas associam os alimentos à cosmologia. Isso revela a crença em “alimentos vivos e mortos”, onde os “alimentos vivos” satisfazem as necessidades da alma, enquanto os “alimentos mortos” atendem às necessidades nutricionais. Além disso, descreve-se que, para os indígenas, o alimento “vivo” é aquele que deve ser obtido por meio de caça ou coleta, enquanto o “morto” é simplesmente adquirido no mercado. Nas duas escolas próximas à comunidade, há presença de alimentos ultraprocessados, bem como de alimentos *in natura* e minimamente processados. Isso demonstra novamente o desrespeito pela cultura, pois as escolas, que deveriam ensinar e valorizar a cultura, acabam prejudicando-a. (AUN - Agência Universitária de Notícias, 2017).

Os alimentos ultraprocessados geralmente incluem ingredientes prejudiciais que podem ter efeitos negativos na qualidade da alimentação. Em contraste com alimentos *in natura* ou minimamente processados, esses produtos tendem a conter menos fibras e mais sal, açúcar e gorduras saturadas. Com isso, um dos efeitos mais imediatos e perceptíveis é o crescimento na incidência da obesidade. Pesquisas indicam uma ligação clara entre o consumo frequente de alimentos ultraprocessados e o ganho excessivo de peso. A elevada quantidade de açúcares adicionados e gorduras saturadas presentes nesses produtos contribui para o aumento da ingestão de calorias, resultando no acúmulo de gordura visceral e a longo prazo, no desenvolvimento de doenças crônicas (Monteiro *et al.*, 2016).

Além das consequências físicas, os alimentos ultraprocessados podem influenciar psicologicamente, contribuindo para o desenvolvimento de comportamentos alimentares compulsivos e o fenômeno do “comer emocional”. A elevada atratividade desses alimentos, devido à sua mistura de açúcares, gorduras e sal, pode levar algumas pessoas ao consumo excessivo e à dependência alimentar (Donoso *et al.*, 2019).

Vale ressaltar a importância do Sisvan para monitorar o estado nutricional e o consumo alimentar da população, especialmente no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Porém, foi possível observar uma baixa cobertura do SISVAN com relação às populações estudadas, sendo este um desafio que compromete a eficácia das políticas públicas de saúde nutricional (; Barbosa *et al.*, 2023).

Existem alguns fatores que são razões para a baixa cobertura do SISVAN em algumas regiões. A capacitação e infraestrutura deficiente mostra que muitas áreas, especialmente em regiões rurais e remotas, necessitam de infraestrutura adequada para acessar e utilizar o programa. Outros aspectos, como a burocracia, complexidade do sistema, sobrecarga de trabalho e falta de sensibilização, tem contribuído para essa cobertura defasada que resulta em poucas pessoas sendo assistidas, gerando dados duvidosos sobre determinada população (Mrejen; Cruz; Rosa, 2023).

Com isso, é necessário traçar medidas para melhorar a cobertura do SISVAN em toda população brasileira. É cabível realizar investimentos em infraestrutura tecnológica, oferecer treinamentos atualizados e regulares para os profissionais de saúde sobre o uso do programa, tornar o Sisvan-Web menos burocrático, oferecer incentivos, como reconhecimento e premiações para as profissionais e instituições que utilizam o sistema de forma eficiente (Barbosa *et al.*, 2023).

## CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu evidenciar a complexidade e a gravidade das mudanças alimentares observadas sobre o consumo de ultraprocessados entre os povos tradicionais do Nordeste brasileiro. Os dados analisados, coletados na plataforma Sisvan-Web entre 2019 e 2023, revelaram uma preocupante tendência de aumento no consumo desses alimentos,

especialmente entre comunidades que historicamente mantinham dietas baseadas em alimentos *in natura*. Essa mudança, impulsionada por fatores socioeconômicos e culturais, representa uma ameaça significativa à saúde e ao bem-estar dessas populações.

Além disso, a análise revelou uma crescente substituição dos alimentos tradicionais por ultraprocessados, resultando em desequilíbrios nutricionais que potencializam o risco de doenças crônicas não transmissíveis. A pandemia de COVID-19 exacerbou essa tendência, ressaltando a vulnerabilidade das populações menos escolarizadas e com menor acesso a recursos. Ademais, a baixa cobertura do Sisvan em áreas rurais e remotas, agravada por deficiências na infraestrutura e capacitação, limita a eficácia das políticas públicas de saúde nutricional e sublinha a necessidade de melhorias significativas.

Portanto, destaca-se que é fundamental que ocorra a implementação de novas políticas públicas eficazes que incluam investimentos em infraestrutura tecnológica, capacitação profissional, simplificação de processos, além de ações educativas que promovam a sensibilização da população sobre a importância de uma alimentação saudável. Somente através de um esforço conjunto e coordenado será possível reverter o impacto negativo do consumo de ultraprocessados e promover a saúde nutricional dos povos tradicionais do Nordeste brasileiro.

## DECLARAÇÃO DE INTERESSE

Os autores deste estudo declaram não possuir nenhum conflito de interesse de ordem financeira, comercial, política, acadêmica e pessoal.

## REFERÊNCIAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2020. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2020.

SOUZA, L. Consumo de ultraprocessados aumentou 5,5% na última década no país Pesquisa da USP mostra perfil de consumidores dos produtos. **Agência Brasil**, 2023.

AMARAL, N. O consumo de ultraprocessados cresce no Nordeste durante a pandemia. **Portal O dia**, 2020.

ISPN - Instituto Sociedade, População e Natureza. **Povos e Comunidades Tradicionais da Caatinga**, 2008.

LOUZADA, M. L. C. *et al.* Impacto do consumo de alimentos ultraprocessados na saúde de crianças, adolescentes e adultos: revisão de escopo. **Cadernos de saúde pública**, v. 37, p. e00323020, 2022.

MENEGASSI, B. *et al.* Classificação de alimentos NOVA: comparação do conhecimento de estudantes ingressantes e concluintes de um curso de Nutrição. **DEMETRA: Alimentação**,



**Nutrição & Saúde**, v. 15, p. e48711-e48711, 2020.

MIRIM. Palavras indígenas incorporadas ao Português. **Povos Indígenas no Brasil Mirim**. 2019.

MONTEIRO, C. A. *et al.* Alimentos processados e ultraprocessados: consumo, impacto na saúde e propostas. **Saúde em Debate**, v. 40, n. 110, p. 254-269, 2016.

NILSON, E. A. *et al.* Alimentos ultraprocessados e seus riscos à cultura alimentar e à saúde. **Rev. de Alim. Cult. Américas**, n. 3, v. 2, p. 133-146. 2022.

SOUZA, V. M. G.; VILLAR, B. S. Hábitos alimentares e produtos ultraprocessados na alimentação escolar: um estudo de caso da Terra Indígena Piaçaguera. São Paulo, 2018.

CORRÊA, N. A.; SILVA, H. P. Da Amazônia ao guia: os dilemas entre a alimentação quilombola e as recomendações do guia alimentar para a população brasileira. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 1, p. e190276, 2021.

DONOSO, C. G. *et al.* Ultra-processed food consumption and the incidence of depression in a Mediterranean cohort: The SUN Project. **Eur. J Nutr**, v. 59, n. 3, p. 1093-1103, 2019.

MREJEN, M.; CRUZ, M. V.; ROSA, L. O Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN) como ferramenta de monitoramento do estado nutricional de crianças e adolescentes no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 39, n. 1, 2023.

BARBOSA, B. B. *et al.* Food and Nutrition Surveillance System (SISVAN) coverage, nutritional status of older adults and its relationship with social inequalities in Brazil, 2008-2019: an ecological time-series study. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 32, n. 1, p. e2022595, 2023.